

## Reflexões sobre a liberdade: uma perspectiva a partir de Amartya Sen

Reflections on freedom:  
a view starting from Amartya Sen

Sandro Fröhlich  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
[sfrohlich@gmail.com](mailto:sfrohlich@gmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/8197387635768521>

### Resumo

A partir da perspectiva econômica da eleição social, Amartya Sen desenvolveu importantes considerações sobre os diversos sentidos da noção 'liberdade'. Apresentamos aqui uma reconstrução analítica dessas considerações, tratando de sublinhar as instrutivas distinções que o autor faz entre liberdade como 'bem estar' e liberdade como 'agência'; liberdade como 'poder' e 'controle'; liberdade como 'oportunidade' e 'processo'. Na base dessas dimensões, veremos, Sen posiciona a ideia de liberdade como capacidade. Esse entendimento ilumina o nexo de vida boa com vida livre: trata-se fundamentalmente de uma capacidade para funcionar e se realizar; para se desenvolver enquanto pessoa e sociedade.

### Palavras-chave

Amartya Sen; Liberdade; Capacidade; Desenvolvimento.

### Abstract

Through the economic perspective of social choice, Amartya Sen has outlined various different meanings of the notion 'freedom'. Here we present an analytical reconstruction of his reasons and arguments, highlighting the instructive distinctions he makes between freedom as 'welfare' and freedom as 'agency'; freedom as 'power' and as 'control'; and freedom as 'opportunity' and as 'process'. On the basis of these dimensions, we will see, Sen places the idea of freedom as capability. This understanding uncovers the connection between the good life and free life: freedom is fundamentally a capability to function and to achieve personal fulfillment; to develop as a person and as a society.

### Keywords

Amartya Sen; Freedom; Capability; Development.

## 1. Introdução

Em tempos em que os espaços de liberdade se ampliam, mas também a intolerância e os mecanismos de controle se proliferam, o debate em torno dos diferentes sentidos da liberdade é atual e premente. Mais do que apresentar uma teoria sobre liberdade, o presente artigo visa apresentar alguns elementos sobre tal tema, principalmente a partir do horizonte de compreensão desenvolvido pelo filósofo e economista Amartya Sen. Objetiva-se apresentar elementos para seguir a reflexão e o debate, mostrando como o autor elucida alguns pontos de sua teoria, fazendo uso ou retomando ideias centrais e históricas do que vem se entendendo como liberdade.

O artigo está dividido em cinco partes. A primeira apresenta uma visão filosófica e histórica do que se compreende por liberdade negativa e liberdade positiva. O segundo tópico expõe a concepção de liberdade como bem estar e liberdade como agência. Por sua vez, o terceiro item analisa alguns elementos quanto à liberdade como poder e liberdade como controle. Na

quarta seção é trabalhada a ideia de liberdade como oportunidade e como processo. E, na parte final é apresentada a proposta de liberdade como *capabilidade*.

## 2. Liberdade negativa e positiva

Liberdade é um dos principais elementos que constitui a condição humana e uma das maiores conquistas da humanidade. Liberdade é um dos maiores bens que o homem possui ou pode alcançar, sendo uma das principais razões ou força que leva às lutas políticas. É por meio da liberdade que o homem vive e atua, e é por ela que aspira, ela que concentra grande parte dos desejos e aspirações de cada indivíduo e da humanidade. Soaria de forma um tanto estranha conceber a condição humana sem liberdade e não há como compreender a história sem lutas, retrocessos e avanços quanto a espaços de liberdade. É tendo a liberdade como ‘pano de fundo’ que os homens organizam a convivência em sociedade e elaboram as políticas públicas que vão reger e orientar a vida em comum.

Seja no âmbito político, econômico, das relações interpessoais, ou da relação do sujeito consigo mesmo, a liberdade é uma questão imprescindível. Sendo um elemento tão central para a vida das pessoas, é também um tema caro à filosofia. Tendo como berço original o campo da política, a liberdade é considerada a última grande questão metafísica (ser, nada, alma, natureza, tempo, eternidade... liberdade) que surgiu ou foi desenvolvida pela filosofia (Arendt, 1985).<sup>1</sup> Para os antigos – gregos e romanos – a liberdade é a razão de ser da vida política, é o grande objetivo da organização e sem ela a vida política perde seu sentido. Porém, a filosofia, que mais tarde se desenvolve como *vita contemplativa*, e o cristianismo compreendem a liberdade como uma oposição à vida pública, à vida política. Liberdade é então tratada como um elemento subjetivo, como uma questão de ‘livre arbítrio’ pessoal.

Por um lado, a liberdade dos antigos é vista de forma ‘generosa’, como um elemento de constituição do sujeito como cidadão, sentindo-se pessoa enquanto membro atuante da comunidade, sendo reconhecido como igual na sua atuação com os demais. Mas, tal visão é também criticada, pois o sujeito é visto sempre e apenas como um membro da coletividade, de uma sobreposição da comunidade sobre o indivíduo. Com o advento da modernidade, a perspectiva se altera consideravelmente. Liberdade é então compreendida como espaço de atuação do indivíduo, sem a interferência ou oposição dos demais e – principalmente – do Estado. O valor está na liberdade individual, na satisfação dos prazeres e necessidades pessoais, na fruição da vida particular, na centralidade da independência.<sup>2</sup>

Importante também analisar a liberdade, sob um prisma que, praticamente, já se tornou clássico, os sentidos da relação de liberdade como *negativa* e *positiva*. O sentido da liberdade negativa, conforme aponta Berlin (1969), busca responder basicamente a uma questão: ‘qual é a área dentro da qual o sujeito – uma pessoa ou grupo de pessoas – é ou deveria ser deixado fazer ou ser o que é capaz de fazer ou ser, sem que outras pessoas interfiram?’ Liberdade negativa entendida como a possibilidade de ser ou realizar aquilo que se deseja sem a interferência ou coerção; poder atuar sem ser obstruído pelos demais, a abstenção de impedimentos externos. A liberdade negativa busca traçar fronteiras para garantir espaços livres para ações pessoais ou ‘egocêntricas’, impedindo aos demais a interferências nestes. Liberdade negativa é uma concepção moderna, representando a liberdade *de*, sem restrições ou proibições externas, mas que habilita o sujeito a viver de acordo com suas próprias preferências e escolhas.

---

<sup>1</sup> Conforme Arendt (1985, p. 145), “there is no preoccupation with freedom in the whole history of great philosophy from the pre Socratics up to Plotinus, the last ancient philosopher”.

<sup>2</sup> Benjamim Constant (1985, p. 15): “O objetivo dos antigos era a partilha do poder social entre todos os cidadãos de uma mesma pátria. Era isso o que eles denominavam liberdade. O objetivo dos modernos é a segurança dos privilégios privados; e eles chamam liberdade as garantias concedidas pelas instituições a esses privilégios”.

Por sua vez, o sentido positivo da liberdade está envolvido na questão 'o que, ou quem é a fonte de controle ou interferência que determina que alguém faça, ou seja, isto em vez de aquilo?'. É a liberdade *para ser* ou fazer. Liberdade positiva - ou reflexiva<sup>3</sup> - pergunta pelo 'quem governa' e nasce de uma 'esperança' ou propósito de autogoverno, de cada sujeito ser o dono de seu destino. Livre seria o sujeito que consegue guiar a si mesmo de acordo com suas próprias intenções. Liberdade como autonomia, autodeterminação, auto realização, como obediência à leis e imperativos 'auto legislados'. É o sujeito estar *livre* ou habilitado para alcançar os seus propósitos, aquilo que é valioso para sua vida.

Todo ser humano tem razão para valorizar a liberdade, de uma ou outra maneira; é a liberdade com suas diferentes visões e sentidos que fundamenta e dinamiza as relações humanas e a estrutura social. Sendo um tema ou discussão sempre atual, está relacionada com questões centrais que ocupam o debate público, bem como diferentes áreas do saber e da Academia. Em consonância com um debate que se requer cada vez mais interdisciplinarizado, em seguida se pretende abordar alguns aspectos da perspectiva filosófica e econômica sobre a liberdade desenvolvida por Amartya Sen.

### 3. Liberdade de bem estar e liberdade como agência

Amartya Sen, filósofo indiano e prêmio nobel de economia em 1998, é reconhecido, entre outras áreas, por seu trabalho no âmbito da escolha social (estudo dos processos e procedimentos das decisões coletivas; a escolha social visa encontrar ou determinar os melhores estados sociais a partir das preferências pessoais). Ao longo de seus trabalhos, Sen também revisa e questiona o comportamento e modelo econômico de bem-estar, centrado sobre a exclusividade racional e autocentrada, o modelo do *homo oeconomicus*. O desenvolvimento de suas ideias carrega em seu bojo, portanto, essa relação com a economia, principalmente com temas que dizem respeito ao bem-estar humano, desenvolvimento social, direitos e capacidades humanas.

O estudo das preferências pessoais e de como elas são transformadas em decisões coletivas, levou Sen a questionar os fundamentos de um modelo centrado basicamente ou exclusivamente sobre o bem-estar utilitarista. A liberdade é pensada a partir das preferências e escolhas de um sujeito (para agregá-las, por meio de um procedimento, a uma escolha coletiva, social) que está, sim, preocupado com seu bem-estar pessoal, mas que também é aberto aos seus semelhantes e que não descuida de aspectos éticos, sociais, culturais, etc.

Uma vida valiosa tem ao menos dois valores cruciais, a realização - pessoal e os impactos sociais positivos - e a liberdade para alcançá-los. Importante realizar a distinção entre realizações e a liberdade para realizar. É necessário alcançar logros pessoais e sociais que são valorizados; conquistar melhorias e alcançar um bom nível de realização pessoal é de central importância para a vida. A vida do ser humano se mede - também - por aquilo que ele alcança ou realiza. A liberdade ou estar habilitado para alcançar realizações torna a vida mais rica. Expandir liberdades para alcançar aquilo que se valoriza, permite que a vida do ser humano seja mais completa; possibilita que se alcance aquilo que há razões para valorizar e impactar positivamente na sociedade.

Embora a realização pessoal e o bem estar ocupem grande parte das ações e volições humanas, o ser humano é capaz de se (pre)ocupar também com outras dimensões e com as demais pessoas; há outras consecuições, valores e ideias que constituem a vida das pessoas. O pensador indiano realiza uma diferenciação importante, afirmando que há uma liberdade de

---

<sup>3</sup> Honneth (2014) utiliza o termo 'liberdade reflexiva' e não 'liberdade positiva'.

bem-estar e outra que ele denomina como liberdade de agência.<sup>4</sup> A liberdade de agência se refere à oportunidade ou liberdade da pessoa fazer ou alcançar, buscando realizar as metas ou valores que ela estima (Sen, 1985b, p. 203). A liberdade enquanto agência não diz respeito apenas a um elemento de valor para o ser humano, mas enquanto condição e ausência de impedimento de realizar seus objetivos, aquilo que considera como bom e valioso para si.

Enquanto a liberdade de agência diz respeito a valores e objetivos amplos, a liberdade como bem estar concerne a aspectos específicos e não expressa a totalidade do sentido de liberdade para o ser humano. A liberdade de bem estar se concentra mais na capacidade de uma pessoa de funcionar para desfrutar realizações que correspondam a sua situação de bem estar (Sen, 1985b, p. 203).<sup>5</sup> Reflete a relevância de considerar as oportunidades de perseguir ou alcançar vantagens que lhe tragam situações e sensações de satisfação e bem estar.

Um dos pontos sobre os quais insiste Sen ao longo de seu trabalho é da necessidade de ampliar a base informacional para poder ter uma melhor análise e julgamento. Assim como a compreensão de vida do utilitarismo tem uma base informacional restrita, considerando uma gama reduzida de elementos para considerar a satisfação ou o bem de uma vida, a ideia de liberdade como bem estar igualmente possui uma visão reducionista sobre a vida e os valores que os indivíduos tomam em conta em sua existência. O pensador indiano não possui a pretensão de estabelecer uma teoria fechada ou de estipular uma lista completa e determinada através da qual se pudesse avaliar ou medir a liberdade, a satisfação e o valor das vidas. A vida e a liberdade humana se caracterizam pela incompletude e pela pluralidade – seja de sentidos, valores, metas, etc. Nada impede também que o leque de oportunidades ‘contrafactuais’ que a liberdade de agência oportuniza ou proporciona ao sujeito, possa involucrar diferentes realizações de bem estar.

A caracterização e diferenciação do que se entende por liberdade de bem estar e liberdade de agência – e o que isso representa para a existência e a ação na vida de cada um – pode ser elucidado por um exemplo.<sup>6</sup> Vejamos: ao final de um dia de trabalho num verão intenso você livremente decide tomar uma bebida que lhe apetece à beira de uma aprazível lagoa. Contudo, em instantes você vê que alguém está prestes a se afogar e decide salvar tal sujeito. Sua liberdade de desfrutar um momento agradável de prazer e satisfação diminui, limitando em parte sua situação de bem estar. Contudo, sua liberdade de agência se ampliou, e enquanto sua liberdade de bem estar foi afetada, surgiram oportunidades ‘contrafactuais’ de ampliar sua liberdade – de agência. A liberdade de agência, além de ampliar a liberdade, considerando valores outros que o bem estar individual, pode ainda representar o aumento de outras formas de bem estar. Difícil não considerar que além de realizar uma ação – livre – louvável e social, moral e legalmente positiva, você não sinta também satisfação ao salvar a vida de outro alguém.

A liberdade como agência amplia as oportunidades e as condições de liberdade e de ação do sujeito. Isso amplia a base informacional para julgar os elementos valiosos da vida, abrindo

---

<sup>4</sup> Amartya Sen também insiste nessa diferenciação, pois durante muito tempo na história recente e por correntes de pensamento dominantes, a ideia de bem estar era tomada como central. Durante o século XX – principalmente – predomina a ideia de um bem estar utilitarista, que prega que o importante é a pessoa se sentir feliz, desejar e ter seus desejos realizados. Grande parte do pensamento econômico, social e político partem da ideia de um homem racionalmente centrado, quase que exclusivamente centrado em si e na sua satisfação individual – o *homo oeconomicus* que realiza escolhas racionais coerentes para se sentir feliz.

<sup>5</sup> Conforme as palavras do autor (1985b, p. 203), “Well-being freedom is freedom of a rather particular type. It concentrates on a person's capability to have various functioning vectors and to enjoy the corresponding well-being achievements. [...] A person's agency aspect cannot be understood without taking note of his or her aims, objectives, allegiances, obligations, and-in a broad sense-the person's conception of the good”.

<sup>6</sup> Exemplo apresentado por Sen na obra *Well-being, Agency and Freedom* (1985b).

novas oportunidades. Enquanto a liberdade de alcançar o bem estar tem um valor relacionado à provisão de condições de vida que realizem um modo de vida, a liberdade de agência possui uma visão pluralista, possibilitando ao sujeito vislumbrar e se posicionar de forma responsável para dimensões humanas e sociais que contemplem uma vida mais abrangente, moral, econômica e politicamente.

#### **4. Liberdade como poder e controle**

Outra distinção importante a ter presente em relação à liberdade é o que Sen denomina como 'poder' e 'controle'. A liberdade em sua faceta como 'poder' é a habilitação ou estar em condições de alcançar resultados preferidos ou escolhidos, verificando se tal realização é efetivada e se sua liberdade de escolha é respeitada; ou, conseguir resultados sem se ater à forma como tais foram logrados. Por sua vez a liberdade enquanto controle pode ser acessada ao observar se o próprio sujeito consegue exercer um controle sobre suas escolhas. No aspecto da liberdade como controle, o ponto de observação não é o alcance – ou não – do resultado, mas do controle do processo, da liberdade de controlar sua ação, de estar no comando de sua atividade, independente do sucesso ou não (Sen, 1985b, p. 208-209).

Tradicionalmente é a liberdade enquanto controle que tem merecido maior atenção, analisando os procedimentos ou os caminhos que os indivíduos seguem para alcançar suas metas almejadas; e se tais procedimentos são livres de impedimento de terceiros e estão sob pleno comando do sujeito interessado. Entretanto, é difícil imaginar a vida de uma pessoa e uma organização social que possibilite o controle direto de todas as ações. O fato de a vida em sociedade supor ou requerer o poder de andar de forma segura nas ruas de uma cidade, por exemplo, mostra que o controle das múltiplas ações que levam o sujeito à liberdade de poder estar seguro, não foram controladas pelo próprio sujeito. Nas sociedades complexas de hoje, podemos ter um poder, sem, contudo termos a liberdade de controle pessoal ou de forma direta.

O enfoque da liberdade como poder pode também ser compreendida como uma liberdade efetiva ou 'liberdade real', significando mais por seu conteúdo substantivo de proporcionar condições efetivas de realizações, que um sentido político de 'poder'. A ideia de liberdade efetiva, aproxima-se com a ideia de capacidade, no sentido de produzir resultados e realizações que o sujeito valoriza e que o auxiliem a se desenvolver. É poder livremente realizar ações e funcionamentos<sup>7</sup> que o sujeito realmente quer que ocorram porque acredita ser favorável à sua condição. Liberdade substantiva, além da importância pessoal e social, de ver seus logros e feitos realizados, tem sua influência por ter suas preferências e escolhas respeitadas. Para todo ser humano é significativo que suas opções sejam reconhecidas pelos demais, respeitando-as e permitindo que as realize sem a obstrução ou interferência. Liberdade substantiva se efetiva também na forma de agência; o sujeito tem a condição de ativamente se lançar a realizar suas decisões, sendo capaz de realizar suas ações que escolheu entre um leque de possibilidades.

A dimensão da liberdade como controle se manifesta mais enquanto processo. Não apenas o resultado tem sua importância, mas também o caminho e a possibilidade de realizar, a liberdade de tentar tem seu valor significativo. Muitas aprendizagens e sentidos da vida se colhem não pelo fato de se ter alcançado tudo que se pretendia, mas por ter tido a liberdade de empreender, de não ser obstruído ou impedido de tentar, de 'correr atrás' do que se valorizava ou tinha razões para querer realizar. A liberdade enquanto controle se manifesta no sentido de permitir que o

---

<sup>7</sup> Sen (1985a, p. 10) entende funcionamento como "an achievement of a person: what he or she manages to do or to be. It reflects, as it were, a part of the 'state' of that person. It has to be distinguished from the commodities which are used to achieve those functionings".

sujeito assuma o protagonismo de sua vida e de suas ações, quando os funcionamentos e capacidades são manejados diretamente pelo sujeito.

Interessante observar que alguns conceitos destacados por Sen, embora possuam suas peculiaridades necessárias, também possuem uma inter-relação. A ideia de liberdade enquanto agência tem forte vinculação com a ideia de liberdade enquanto controle, levando a notar que existem possibilidades de agência que são instrumentos e, possibilidades de agência que são materializados – exercidos de forma direta. Pode acontecer que a liberdade de agência – e controle – seja exercida diretamente pelo sujeito involucrado, mas também pode ser efetivada de forma instrumental, embora ‘controlada’, realizada por um terceiro que respeita e executada as preferências e escolhas do sujeito.

Um exemplo pode auxiliar a continuidade da reflexão que o presente trabalho propõe (Sen, 1985b, p. 208-209). Imaginemos uma pessoa em estado inconsciente em leito hospitalar. Os médicos apresentam ao responsável duas opções de tratamento; uma que tem possibilidade de recuperação acelerada e maior probabilidade de acerto e outra, que possivelmente retarde a recuperação e diminua a situação de bem estar do paciente. Contudo, o primeiro tratamento foi descoberto e testado utilizando animais vivos – prática que o paciente rejeita por convicções éticas e não aceita enquanto prática.

Suponhamos que o responsável decida por aceitar que seja aplicado o segundo tratamento, embora mais demorado e que diminua o bem estar do paciente. Várias facetas em relação à liberdade podem ser observadas neste exemplo. O paciente não possui nem o poder e nem o controle direto sobre o tratamento a ser aplicado. A sua liberdade de agência é apenas instrumental e não material. Entretanto, sua liberdade – seja de agência, poder ou controle – é efetivada de forma instrumental ou indireta, por seu responsável. Ao escolher que seja seguido o tratamento que não utilizou animais em testes, o responsável segue aquilo que o próprio sujeito teria escolhido, de forma representativa ou instrumental, respeitando a liberdade de poder do paciente. Embora sua liberdade de bem estar tenha sido diminuída, a decisão delegada aumentou a liberdade de agência daquele que está hospitalizado. Esta liberdade indireta mostra o respeito pelas preferências, executando aquilo que o paciente escolheria, entre as outras opções ‘contrafáticas’, delegando a liberdade de controle, mas mantendo uma liberdade de poder. Embora o controle direto não tenha acontecido, não havendo uma escolha ‘contrafática’ direta, as preferências foram reconhecidas e respeitadas; exemplo que pode ser estendido ou transportado para compreender melhor a liberdade nas relações sociais.

## **5. Liberdade como oportunidade e processo**

Por ser um conceito plural, a liberdade costuma gerar muitas controvérsias. E, por ser um conceito que afeta, implica e condiciona o agir e a existência humana cotidiana exige posicionamentos práticos e não raramente gera desencontros e grandes embates. Para além dos elementos já apresentadas, mister também apresentar outra gama de aspectos que dizem respeito aos diferentes sentidos que a liberdade assume ou representa. Sen distingue a liberdade enquanto o ‘aspecto das oportunidades’ e os ‘aspectos de processos’. Mais liberdade nos permite maiores oportunidades de realizar as coisas que valorizamos e temos razões para valorizar. Igualmente importantes são os processos pelos quais as oportunidades se apresentam.

A ideia de liberdade como oportunidade – mais do que meramente ter duas ou mais opções – tem uma relação com aquilo que o sujeito valoriza para sua vida. Liberdade de oportunidade efetiva não seria, portanto, ter a opção entre ‘se ficar o bicho pega, se correr o bicho come’, ou, escolher entre estar ‘mal’ e ‘muito mal’. Dificilmente uma pessoa em sã consciência optaria ou preferiria entre estar ‘mal’ ou ‘muito mal’, de modo que isso se configura mais como

uma 'não oportunidade'. Liberdade pode ser valorizada como as oportunidades substantivas que proporciona para seguir as metas e objetivos valiosos da vida.

Mais um exemplo para ilustrar e elucidar os conceitos (Sen, 2002, p. 601-602). Imaginemos que o indivíduo resolva ficar em casa no domingo, embora tivesse diversas opções 'contrafactuais' de atividades para fazer. Imaginemos, em outro cenário, que forças militares obriguem a tal indivíduo a ficar em casa (proibam de sair) no domingo ou que tal força o obrigue a realizar algo que ele odeia fazer. Embora haja consenso em admitir que na última opção há uma clara violação de liberdade – de oportunidade – do sujeito, há que se analisar também a obrigação de fazer aquilo que teria sido sua opção. Também há unanimidade em assumir que a liberdade enquanto processo foi seriamente diminuída ou violada. O que Sen quer destacar com este exemplo, que embora a culminância do ato ou o poder seja realizado conforme o sujeito teria escolhido, a sua liberdade enquanto oportunidade foi atacada.

O sentido humano de alcançar algo de forma 'forçada' ou contra a vontade é muito diferente do que ter respeitada a oportunidade de alcançar, em meio a tantas outras opções 'contrafáticas'. Escolher é uma atividade que também contribui na construção de sentido da existência humana; ter condições de escolha entre oportunidades reais e ver suas preferências reconhecidas e respeitadas é de grande valor para a condição humana. Expandir o conjunto de oportunidades – no sentido que aqui se apresenta – é um dos principais elementos para o desenvolvimento, seja enquanto indivíduo ou também como sociedade.

Um ponto que concerne à liberdade enquanto oportunidade é o aspecto da oportunidade enquanto incompletude. A teoria da escolha social e a vida nos ensinam que ter um cesto de opções e de oportunidades de escolha, não representa automaticamente que ali estará contida a opção 'completa' ou perfeita. Liberdade de oportunidade não representa a escolha ou realização 'do melhor' ou que um ranking completo de opções nos seja apresentado. Querer esperar ou imaginar que uma verdadeira escolha ou liberdade se realizaria somente quando se apresentasse um ranking completo, onde a melhor opção estivesse presente, limita a ação e o comportamento racional, podendo levar a uma paralisia. Eis o exemplo, também citado por Sen, do asno de Buridan (Sen, 2002, p. 16-17). A este teriam sido ofertadas duas qualidades de feno; mas por não conseguir estabelecer entre as opções qual seria a excelente ou melhor, acabou não realizando uma escolha e sucumbindo de fome. Oportunidade não representa uma escolha perfeita ou ter um leque de opções onde todos os 'produtos' possam ser elencados hierarquicamente. Ter uma vida que permita liberdade de opções, de oportunidade é poder escolher em meio a incertezas; 'é preferível acertar modestamente a errar com muita precisão'?

A liberdade enquanto processo é – talvez em outras terminologias – já muito mais difundida, como nas correntes liberais ou libertárias. Centra-se na preocupação de estabelecer regras que tornam claro o que é permitido e proibido, os espaços de não interferência do Estado ou dos demais, a liberdade de não ser obstruído naquilo que realiza ou pretende empreender. Sen (2002, p. 624 e ss.) afirma que a liberdade enquanto processo pode ser apresentada em duas modalidades distintas: seja referente ao 'processo pessoal' ou ao 'processo sistêmico'.

A liberdade de processo 'pessoal' condiz com as preferências que os indivíduos possuem em relação à própria vida; enquanto a liberdade como processo 'sistêmico' diz respeito às preferências dos funcionamentos das regras que regulam as relações sociais. Se as oportunidades e conquistas humanas e sociais são de extremo valor para a vida humana, também tem importância a forma, o meio ou o processo através do qual é possível ou permitido a busca do que se valoriza. Numa linguagem mais coloquial se poderia afirmar que a liberdade enquanto processo está em relação com 'as regras do jogo'. É fundamental que todos as conheçam de antemão, que sejam válidas de forma equânime a todos, que sejam claras e sem risco de arbitrariedades e, acima de tudo, que deixem que os jogadores – jogando – cheguem ao resultado. Assim como não se sabe o resultado do jogo ao iniciar uma partida, na vida também não há como

estabelecer princípios universais que deveriam condicionar a vida de todos; cada um deve ser livre para buscar alcançar aquilo que julga o melhor para si ou tem razões para valorizar como o melhor.

## 6. Liberdade como *capabilidade*<sup>8</sup>

Possivelmente, nos tempos atuais Sen seja um dos principais defensores da liberdade – de uma liberdade individual, de uma liberdade de mercado, de uma liberdade positiva e de uma liberdade negativa. Não há dúvidas que o sentido da liberdade negativa é fundamental, mas não exclusivamente como pretendem algumas correntes do liberalismo. É possível observar, por exemplo, que ao longo da história injustiças, calamidades humanas e fomes aconteceram sem que liberdades negativas ou procedimentais fossem violadas. Liberdade também representa buscar alternativas para estar livre de doenças, opressão, miséria e fome (que em pleno século XXI afetam entre 800 milhões e 1 bilhão de pessoas).

A liberdade positiva defendida por Sen não é a que busca determinar um sentido último para a existência dos sujeitos ou que vise determinar um rumo ou modelo de vida uniforme – como um destino –, mas uma liberdade para que os sujeitos possam alcançar funcionamentos que tenham razão para valorizar e que impactem positivamente em seu desenvolvimento como pessoa. Ao mesmo tempo que defende os direitos negativos e as leis procedimentais justas que regem os Estados, o pensador indiano defende uma liberdade substantiva ou real, que habilite ou proporcione efetivas e dignas condições de vida a todos para se desenvolverem e ‘seguirem sua vida’. Neste sentido, a liberdade não é mera abstenção ou ausência de interferência, mas é também apoio ou uma justa intervenção – não arbitrária ou paternalista – auxiliando para que todos logrem certos resultados que são essenciais para sua condição.

Liberdade é estar livre para funcionar, para realizar suas capacidades. Não é ter uma mera liberdade ou garantia formal, é ter condições reais para eleger suas preferências e, efetivamente sentir-se habilitado para buscar realizar os seus propósitos. Liberdade tem um valor instrumental, como uma ferramenta para realizar fins e propósitos. E mais, a liberdade tem um valor e um fim em si mesmo, a liberdade é uma meta a ser alcançada. Se a liberdade é meio para funcionar e se realizar enquanto ser humano, também uma vida boa é uma vida livre.

Liberdade é uma forma de capacidade, seja como capacidade de desenvolver seus talentos e aspirações pessoais, seja como capacidade efetiva de participar – dignamente e sem se sentir envergonhado – da vida da sociedade, seja como capacidade da sociedade como um todo se desenvolver. Os conceitos de liberdade e capacidades na filosofia de Sen andam muito próximos, como vemos em suas palavras: “A capacidade (*capability*) de uma pessoa consiste nas combinações alternativas de funcionamentos cuja realização é factível para ela. Portanto, a capacidade é um tipo de liberdade: a liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamentos” (Sen, 2000, p. 95).

Liberdade como capacidade significa estar habilitado a funcionar, conduzir suas escolhas, construir sua identidade, estabelecer relações sociais, ser reconhecido como membro e participar da vida da sociedade. “A liberdade de conduzir diferentes tipos de vida é refletida na *capabilidade* da pessoa. A *capabilidade* de uma pessoa depende de uma variedade de fatores, incluindo

---

<sup>8</sup> Conforme Sen (2002, p. 105) “a ‘capacidade’ (*capability*) de uma pessoa consiste nas combinações alternativas de funcionamentos cuja realização é factível para ela. Portanto, a capacidade é um tipo de liberdade: a liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamentos (ou, menos formalmente expresso, a liberdade para ter estilos de vida diversos). Por exemplo, uma pessoa abastada que faz jejum pode ter a mesma realização de funcionamento quanto a comer ou nutrir-se que uma pessoa destituída, forçada a passar fome extrema, mas a primeira pessoa possui um ‘conjunto capacitário’ diferente do da segunda (a primeira pode escolher comer bem e ser bem nutrida de um modo impossível para a segunda)”.



características pessoais e ordenamentos sociais” Sen (1993, p. 33). Liberdade é ter as condições de desenvolver e poder interagir nesses diversos fatores, é poder funcionar para realizar suas capacidades.

### Referências

- ARENDDT, Hannah. *Between past and future: eight exercises in political thought*. Harmondsworth: Penguin Books, 1985.
- BERLIN, Isaiah. Two concepts of liberty. In: \_\_\_\_\_. *Four essays on liberty*. Oxford: Oxford University Press, 1969. p. 118-172.
- CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. In: \_\_\_\_\_. *Filosofia política, vol. 2*. Porto Alegre: LPM, 1985. p. 9-25.
- CÓRDOBA, Rafael C. Capacidades y libertad: una aproximación a la teoría de Amartya Sen. *Revista Internacional de Sociología*, v. 65, n. 47, p. 9-22, 2007.
- HONNETH, Axel. *Freedom's right: the social foundations of democratic life*. New York: Columbia University Press, 2014.
- PETTIT, Philip. Capability and freedom: a defense of Sen. *Economics and Philosophy*, n. 17, v. 1, p. 01-20, 2001.
- SEN, Amartya. *A ideia de justiça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SEN, Amartya. *Commodities and capabilities*. Amsterdam: North-Holland, 1985. (1985a)
- SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SEN, Amartya. O desenvolvimento como expansão de capacidades. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 28-29, p. 313-334, 1993.
- SEN, Amartya. *Rationality and freedom*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- SEN, Amartya. Well-being, agency and freedom: the Dewey Lectures 1984. *The Journal of Philosophy*, v. 82, n. 4, p. 169-221, 1985. (1985b).
- SEN, Amartya; NUSSBAUM, Martha. *The quality of life*. Oxford: Oxford University Press, 1993.